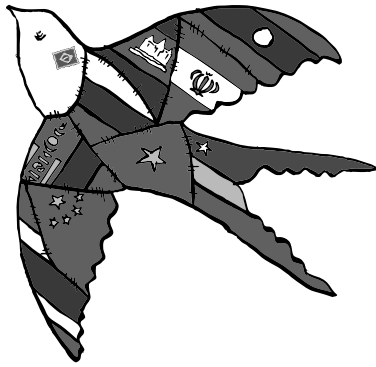


Rômulo Góis

ORIENTALIZE



EDITORA RECANTO DAS LETRAS



ORIENTALIZE



ALASKA (USA)

GREENLAND (DENMARK)

CANADA

UNITED STATES OF AMERICA

MEXICO

THE BAHAMAS

VENEZUELA

COLOMBIA

PERU

BRAZIL

BOLIVIA

CHILE

ARGENTINA

IRELAND

FAROE ISLANDS

UNITED KINGDOM

FRANCE

PORTUGAL

SPAIN

MOROCCO

ALGERIA

WESTERN SAHARA

MAURITANIA

MALI

NIGER

GUINEA

SIERRA LEONE

LIBERIA

EQUATORIAL GUINEA

SENEGAL

THE GAMBIA

GUINEA BISSAU

IVORY COAST

GHANA

TOGO

BENE

SIERRA LEONE

LIBERIA

GUINEA BISSAU

SENEGAL

THE GAMBIA

GUINEA BISSAU

IVORY COAST

GHANA

TOGO

BENE

SIERRA LEONE

LIBERIA

GUINEA BISSAU

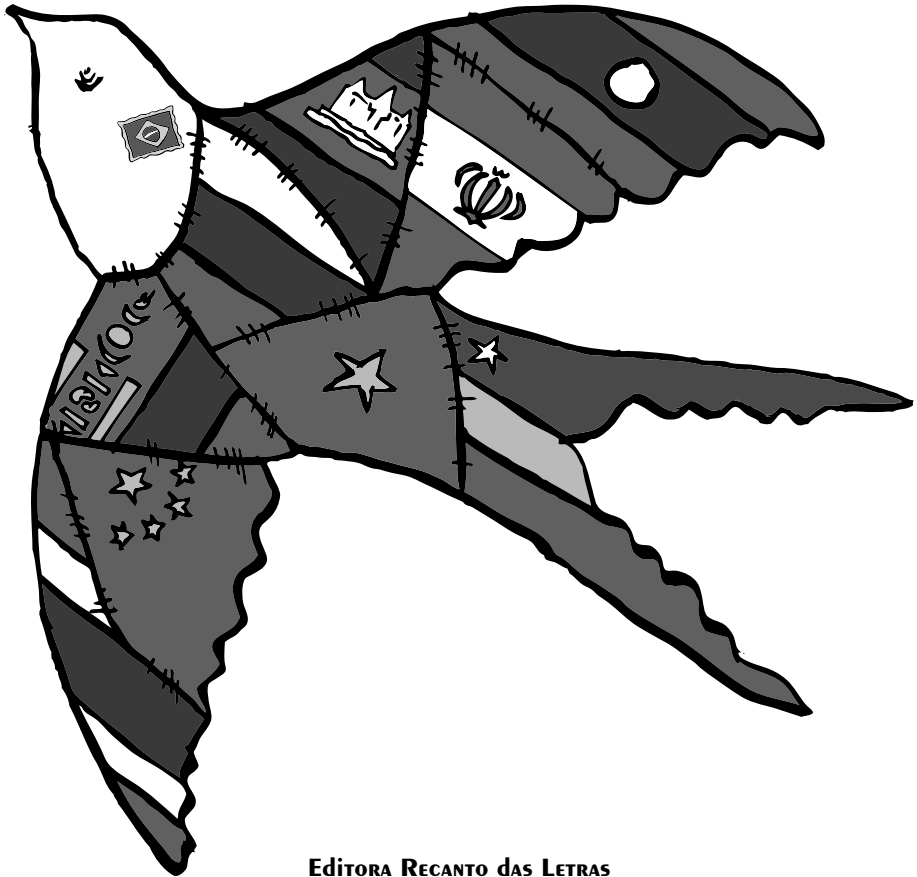
SENEGAL

FALKLAND ISLANDS (UK)



Rômulo Góis

ORIENTALIZE



EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Rômulo Góis

Editora Executiva: **Cassia Oliveira**

Capa: **Alexandre Guedes**

Projeto gráfico: **Estúdio Caverna**

Impressão: **Forma Certa**

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Góis, Rômulo

Orientalize / Rômulo Góis ; [ilustração da capa de Alexandre Guedes]. –

São Paulo : Recanto das Letras, 2019.

374 p.

ISBN: 978-85-7142-025-0

1. Oriente - Descrições e viagens 2. Crônicas brasileiras 3. Rússia
4. Mongólia 5. China 6. Tailândia 7. Laos 8. Vietnã 9. Camboja
10. Myanmar 11. Irã I. Título II. Guedes, Alexandre

19-0821

CDD 915

Índices para catálogo sistemático:

1. Oriente - Descrições e viagens

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

editorarecantodasletras.com.br

editora@recantodasletras.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita do autor.

Para todos os rostos que cruzaram meu caminho, para todos os sorrisos que saíram destes rostos. Para todos os corações que partilharam experiências e proporcionaram ajuda mútua nessa estrada. Para todos os olhos que brilharam junto aos meus através de cada palavra trocada na compreensão e demonstração de fé que um mundo mais justo, plural e solidário é possível.

“Uma longa viagem começa com um único passo”

(Lao-Tsé. VI a.c)

“Só há um tempo em que é fundamental despertar. Esse tempo é agora”

(Sidarta Gautama. 563 a.c – 483 a.c)

***“Você não pode mudar o vento,
mas pode ajustar as velas do barco para chegar onde quer”***

(Confúcio. 551 a.c – 479 a.c)

“Busca conhecimento do berço à sepultura”

(Maomé. 571 d.c. - 632 d.c.)

***“O Amor acendeu um fogo em meu peito,
e tudo aquilo que não era Amor teve que sair.”***

(Rumi. 1217 d.c. – 1273 d.c.)

“Ideias são mais letais que armas”

(Lenin. 1870 d.c. – 1924 d.c.)

Índice

| | |
|---|----|
| Prefácio..... | 15 |
| Crônica 01 – “Graças a Deus o Brasil se livrou dessa praga” | 21 |
| Crônica 02 – O Táxi..... | 25 |
| Crônica 03 – Cerveja russa..... | 29 |
| Crônica 04 – O Encontro com Lenin | 31 |
| Crônica 05 – Sobre pessoas, olhares, língua e sobre Tinder | 35 |
| Crônica 06 – A missa e o casamento..... | 39 |
| Crônica 07 – Tempero Russo | 43 |
| Crônica 08 – A despedida | 47 |
| Crônica 09 – Vagão 16 | 49 |
| Crônica 10 – O Trem de 30 horas | 55 |
| Crônica 11 – Vagão 4 e sobre o que não devemos deixar morrer nas nossas vidas..... | 63 |
| Crônica 12 – O fim da Transiberiana | 67 |
| Crônica 13 – Tensão..... | 71 |
| Crônica 14 – Bem-vindo a Mongólia | 79 |

| | |
|--|-----|
| Crônica 15 – Celebrar a vida | 83 |
| Crônica 16 – “Aquele zona nessa época é um centro de energia” | 87 |
| Crônica 17 – “Bye Bye vida urbana” | 95 |
| Crônica 18 – Deserto de um lado, estepes do outro | 99 |
| Crônica 19 – Uma noite com nômades e o dia que quase morro congelado | 105 |
| Crônica 20 – Vida rural nômade..... | 111 |
| Crônica 21 – A Van | 117 |
| Crônica 22 – Bem-vindo ao deserto do presente | 121 |
| Crônica 23 – Sci-Fi | 125 |
| Crônica 24 – Sobre templos e não-religião..... | 129 |
| Crônica 25 – Made in China | 133 |
| Crônica 26 – As Muralhas | 137 |
| Crônica 27 – Gripe Aviária ou Febre Escorpiana? | 141 |
| Crônica 28 – Um país tropical | 149 |
| Crônica 29 – Ajoelhei-me para um rei na terra dos templos mais bonitos do mundo | 153 |
| Crônica 30 – Sobre culinária tailandesa, massagem e como não perder um voo | 161 |

| | |
|--|-----|
| Crônica 31 – A Praia..... | 167 |
| Crônica 32 – Frente a frente com um Tubarão | 173 |
| Crônica 33 – Pelos caminhos do Norte | 179 |
| Crônica 34 – Quando um elefante olhou para mim e chorou | 183 |
| Crônica 35 – O dia que um monge budista tatuou meu corpo | 191 |
| Crônica 36 – A terra do povo que sorri | 197 |
| Crônica 37 – Preso na fronteira com o Laos | 203 |
| Crônica 38 – Isto aqui é ópio, você quer? | 213 |
| Crônica 39 – Miserável de quê? | 221 |
| Crônica 40 – Quando um elefante olhou para mim e sorriu | 227 |
| Crônica 41 – Nas margens do Rio Mekong, sentei e chorei..... | 235 |
| Crônica 42 – Bom dia, Vietnã | 247 |
| Crônica 43 – Aonde está meu outro par da sandália havaiana? | 253 |
| Crônica 44 – Nas entranhas de Gaia | 257 |
| Crônica 45 – Pelos caminhos do Sul | 265 |
| Crônica 46 – De bike subo até o céu | 269 |

| | |
|---|------------|
| Crônica 47 – Sobre um Rei de Espadas e sobre quando o sol castiga | 275 |
| Crônica 48 – A conquista do Vietnã..... | 283 |
| Crônica 49 – O dia que atirei com um fuzil AK-47 | 289 |
| Crônica 50 – It’s a long way | 295 |
| Crônica 51 – A simplicidade é contagiante | 301 |
| Crônica 52 – Da efemeridade da vida | 309 |
| Crônica 53 – Eletrificação cultural | 315 |
| Crônica 54 – A Terra dos dois mil templos..... | 323 |
| Crônica 55 – Foi naquele momento que ela surgiu | 331 |
| Crônica 56 – Receba todos como o povo iraniano recebe as pessoas | 337 |
| Crônica 57 – Desmistificar o Irã | 343 |
| Crônica 58 – Sobre os olhos mais bonitos que vi na vida | 353 |
| Crônica 59 – Persépolis..... | 361 |
| Crônica 60 – O fim de todo caminho é na Pasárgada que nós construímos..... | 367 |

Prefácio

*Por Modesto Neto**

Navegar é preciso, viver não é preciso. A frase imperativa é atribuída ao notável Fernando Pessoa, indiscutivelmente o mais universal dos poetas lusitanos. Camões é o gigante incontestado da literatura de Portugal, mas é Fernando Pessoa, sem sombra para dúvidas, o poeta mais recitado para além das fronteiras nacionais e do além-mar. O que por vezes os homens ordinários apenas avistam, os poetas enxergam e desnudam em versos. A navegação como uma arte milenar daqueles que se lançam as belezas e perigos do mar desconhecido, é o espírito vivo e pulsante desse livro.

Além da extraordinária vocação de Portugal para os grandes empreendimentos marítimos e as grandes navegações do século XV, cravadas no espírito e na história portuguesa, talvez Fernando Pessoa fizesse referência a necessidade vital de navegar pelo mundo e desbravar a cortina de fumaça do desconhecido. Assim, navegar é cruzar os oceanos, deixar o conforto do lar, atravessar distâncias e aproximar paisagens, conhecer e espantar-se com gentes, sabores, dialetos e sons.

Ninguém que faz longas travessias volta o mesmo: na bagagem sempre retornam estórias, saudades e sonhos. Sem elas a vida não faz sentido. O artífice dessa obra, entendeu com precisão, o convite ao descobrimento, lançado pelo poeta português. Se navegar é preciso, viver não é preciso, o autor viajou para viver e viveu para viajar, naquela que certamente foi a mais fantástica de suas empreitadas: descobrir, encantar-se, passar contra-tempos, perigos e incertezas no Oriente. Com o espírito de viajante e os olhos abertos e atentos a riqueza monumental do multiculturalismo oriental, o autor se mete em uma aventura de três meses, percorrendo Rússia, Mongólia, China, Tailândia, Laos, Vietnã, Camboja, Myanmar e Irã.

Um observador atento indagaria de imediato: mas, afinal de contas quem é o autor e o que lhe motivou a lançar-se neste universo desconhecido do Oriente? O brasileiro que escreveu esse tributo a cultura oriental tem um espírito de viajante e uma sede insaciável por conhecimento, um humanismo que deita raízes na sua formação acadêmica e familiar. Erudito, um amante das ideias arrojadas e ousadas, um homem da universidade e das lutas por um Brasil e um mundo liberto do arbítrio e da perversidade dos donos do poder, defensor da soberania dos povos e dos direitos humanos. O nome deste homem é Rômulo Góis.

Rômulo Lima Silva Góis é advogado, doutor em Ciências Ambientais pela Universidade Nova de Lisboa, foi pesquisador convidado da *Universidad de Zaragoza* na Espanha, após receber a condecoração de Investimento de Pesquisa do Programa *Erasmus Mundus* da União Europeia, hoje é professor do Departamento de Direito Público da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Contudo, circunscrevê-lo e minimizá-lo ao universo da academia, seria um grave erro.

Rômulo é mais que um cientista brasileiro e um quadro da universidade pública, no seu longo período em Portugal se tornou um destacado militante político, esteve na linha de frente da luta contra o golpe que depôs a presidente Dilma Rousseff em 2016 e notabilizou-se como uma liderança da esquerda em Portugal e na Europa. É um dos fundadores do Coletivo *Andorinha*, forjado na luta contra o golpe e o avanço neofascista, um dos coletivos de militantes brasileiros mais importantes da Europa. Em Portugal, fez parte da organização de seminários acadêmicos e atos políticos que reuniram figuras como a própria ex-presidenta Dilma Rousseff, o ex-deputado Jean Wyllys, Eduardo Suplicy, dentre outros.

Em *Orientalize*, vamos ao encontro de uma riquíssima coletânea de sessenta crônicas. Todas, sem exceção, escritas em primeira pessoa. Rômulo Góis se expõe sem medo, compartilhando noventa dias de sua vida com os povos orientais e compartilhando com os leitores as experiências e acasos

que lhe cercaram. A leitura é simples, fluida e deleitosa de ser feita, os ensinamentos que cada relato deixa são enormes, gravitam de desmistificações a possíveis roteiros para viajantes, com nuances de detalhes geográficos e socioculturais sobre os nove países percorridos. Os estigmas e preconceitos que a cultura ocidental nutre, abastecida pelo esgoto da mídia capitalista e de consumo de massas, paulatinamente, vão sendo estilhaçadas pela leitura atenta do livro.

O primeiro passo dessa viagem é aquele que é dado para dentro do avião que parte de Lisboa em Portugal para Moscou na Rússia. A crônica que abre o livro conta o momento do embarque, o jeitinho brasileiro de um casal de classe média (sem visto) que buscava driblar os entraves burocráticos para embarcar rumo a terra de Lenin e Trotsky e a intervenção do autor ao informar que a Rússia não fazia parte da União Europeia e o *Tratado Schengen* não era aplicado, em síntese: brasileiros não precisam de visto para fazer a viagem.

Em Moscou (onde o Uber funciona), Rômulo conta com humor o fatídico preço do táxi pego no aeroporto, fala-nos da barata cerveja russa e uma importante advertência aqueles que, como eu, costumeiramente apreciam bebidas alcoólicas: é proibido beber pelas ruas da capital. A transgressão pode acabar em detenção.

Todavia, com absoluta convicção, o momento mais marcante da estada na Rússia é a visita ao Mausoléu de Lenin, o mais seguro do mundo, que fica localizado na Praça Vermelha, próximo ao imponente Kremlin. O encontro com o corpo de Lenin embalsamado, envolto na redoma de vidro a prova de balas, é cercado por um magnetismo mágico. Lenin é um dos personagens mais importantes da história do século XX, ideólogo de uma revolução que colocou a União Soviética de pé e sepultou o julgo do regime czarista. Lenin é o próprio espírito da revolução e embora seu coração não mais bata no peito, sua figura lendária ainda é fonte de inspiração. De fato, ideias são mais letais que armas, além de serem a prova de balas.

As que Lenin defendeu com a própria vida, atravessaram e atravessam gerações.

Rômulo Góis segue sua viagem se metendo no vagão 16 de um trem da Transiberiana, a mais longa linha férrea do mundo. O destino: Mongólia. A distância: nada mais, nada menos que 6 mil e quinhentos quilômetros. No percurso, reflexões sobre a paternidade, o cotidiano vivido com as camadas populares na classe econômica, os livros escolhidos para leitura, comer porco defumado como os russos comem, ser confundido com um agente da CIA estadunidense, a agência de inteligência dos EUA, o encontro com a paisagem fantástica do Lago Baikal, o mais antigo e profundo lago do mundo, são 25 milhões de anos e 1750 metros de profundidade. Nada escapou aos olhos atentos do observador e viajante brasileiro.

Antes de entrar na Mongólia, Rômulo Góis se viu de frente a possibilidade de ser extorquido por agentes da migração na fronteira. Como seguia para o sudeste asiático, essa possibilidade poderia crescer exponencialmente. O certo é que atravessada a fronteira, defrontar-se com o pequeno país e sua draconiana miséria, faz doer a alma de qualquer humanista. Dos 3,2 milhões de habitantes, 20% destes vivem com menos de um euro por dia. Os detalhes sociais também não escapam ao cronista viajante.

As crônicas de viagem que Rômulo Góis nos apresenta segue seu caminho. Além da Rússia e Mongólia, o percurso segue por China, Tailândia, Laos, Vietnã, Camboja, Myanmar e Irã, todas na ordem cronológica da excursão. A crônica em si tem um poder mágico e transcendental: eterniza-se o momento, perpetua uma história, torna memorável aquilo que pode parecer simples, mas é cravado de significados. Lavar-se numa cabana de bambu, contemplar os belos templos em Camboja e brincar com uma criança é viver uma verdadeira eletrificação cultural que se torna eterno em *Orientalize*, não uma obra para ser lida, mas para ser degustada.

O livro possui a incólume perspectiva do autor, seu olhar particular inserido no caleidoscópio cultural do Oriente. É preciso coragem, leveza

e segurança de si para se expor em primeira pessoa. Rômulo Góis prova – com sua escrita – que esses atributos não lhe faltam. Não seria profícuo alongar-me em idiosincrasias sobre as crônicas contidas na obra. *Orientalize* é antes de tudo um convite a viagem, um chamado a conhecer uma parte, para nós ocidentais, insólita do mundo. É pelas lentes de um brasileiro, cientista e militante, que poderemos navegar águas desconhecidas. Nesses tempos em que o imediatismo do consumo e as ondas de ódio nefasto ganham os mares, é preciso navegar, por outros mares e outras águas. *Orientalize* é uma perfeita bússola.

(*) É historiador, cientista social e professor do Departamento de História da UERN.



Crônica 01 – “Graças a Deus o Brasil se livrou dessa praga”

Era dia de embarque para aquele país gigante. Na hora do embarque, um desentendimento entre a funcionária da empresa aérea e dois passageiros chamou atenção. Cheguei perto para tentar ajudar, já que o sotaque de uma parte dos interlocutores era de conterrâneos. Brasileiros.

A funcionária da empresa aérea pedia o visto para que eles pudessem embarcar para Rússia. A brasileira falava que tinha o visto para os Estados Unidos da América e perguntava se era esse o necessário.

Com ar de desdém e desentendimento, questionava falando: se eu tenho visto até para os EUA, por que não posso entrar na Rússia? A funcionária da empresa aérea com muita paciência tentou explicar que uma coisa era o visto para os EUA, outra coisa era o visto para Rússia. O marido da mulher tentando utilizar-se do jeitinho brasileiro muito peculiar para aqueles que se sentem pertencentes a uma tal de elite, donos de toda razão

do mundo, que acham que podem comprar tudo na vida com dinheiro, disse que já tinha entrado na Europa e que tinha absoluta certeza que depois de ter passado pelo controle de migração da Europa não precisava mais de visto para Rússia.

Depois de entender o que se passava, resolvi ajudar, pedi licença e expliquei para funcionária da empresa aérea que apesar dos europeus precisarem de visto para Rússia, nós brasileiros não precisávamos por causa de um tratado diplomático bilateral. O casal arregalou os olhos. A funcionária consultou o outro funcionário, anuiu com o dito e passou a conferir se existiam passagens do casal para saída da Rússia.

Problema resolvido, o casal embarcou. Eu embarquei.

A brasileira olhou para mim como se quisesse agradecer pela ajuda, instantaneamente olhou para o marido que saiu na frente puxando sua mala de rodinhas. Ela não disse nada. Dois minutos depois no ônibus que nos levaria ao avião, ele puxou assunto. Perguntou de onde eu era e qual meu trabalho. Começou a falar que a Rússia era um país grandioso por fazer parte da Europa e que a funcionária era mal instruída, que ele tinha passado um constrangimento desnecessário.

Com calma tentei explicar que a Rússia não fazia parte da União Europeia e que o Tratado Schengen não era aplicado para viagens à Rússia e que tínhamos sorte de sermos brasileiros e não precisarmos de visto para o país.

O final diálogo foi “genial”.

Ele perguntou onde eu ia ficar na Rússia, perguntou sobre comida, preços, táxis, disse que eles iam ficar próximo à Praça Vermelha e que tinham contratado uma agência turística para tudo que iriam fazer.

Por fim, ele disse que o maior motivo de estar indo a Rússia era para enxergar com os próprios olhos as desgraças do Comunismo, fechando o diálogo com a seguinte frase: “Graças a Deus que o Brasil se livrou dessa praga”.

Eu desejei boa sorte e boa viagem. Ele igualmente desejou boa viagem.

Minha viagem pelo Oriente durante os três meses seguintes começava dessa forma.

Jogar-se em culturas, sensações, interações, num mundo de complexidades. Avançar para o desconhecido. Sair das nossas bolhas ocidentais, das nossas zonas de conforto, de objetivos e vidas padronizados.

Cansado do Ocidente resolvi Orientalizar.

Um verbo inexistente, mas que representa a busca pelo (auto)conhecimento e a compreensão que do outro lado do meridiano existem culturas milenares que têm muito a nos ensinar.

Embarque para Rússia, pegue os trilhos da Transiberiana, chegue a Mongólia, atravesse a fronteira da China, viva a Tailândia, emocione-se no Laos, conquiste o Vietnã, medite no Camboja, sinta o Myanmar, desmistifique o Irã.

Orientalize!